



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, 8 DE JUNHO DE 1998.

É sempre um especial prazer, para mim, participar da celebração do Dia do Diplomata. Muito já se falou, e com justa razão, sobre a tradição de excelência do Itamaraty, que eu próprio conheci de perto como Ministro das Relações Exteriores. É essa tradição que celebramos no dia de hoje.

E celebramos com boa razão, porque nos tempos atuais a ação diplomática do Brasil, enraizada nessa tradição de respeitabilidade e fortalecida pelas importantes transformações ocorridas em nosso país, tem encontrado êxitos significativos, que se traduzem em uma afirmação sem precedentes do Brasil no cenário mundial.

A liderança exercida pelo Ministro Luiz Felipe Lampreia na execução sempre fiel de nossas diretrizes de política externa tem sido fundamental para isso. Quero manifestar, mais uma vez, o meu reconhecimento ao Ministro Lampreia pelo excelente trabalho que vem realizando à frente do Itamaraty.

Senhoras e Senhores, todo país é sempre, ao mesmo tempo, potencialidade e realização. Todo país se avalia e é avaliado internacionalmente em função desses dois aspectos: o que se pode esperar para o futuro e o que já se é hoje. O Brasil não é exceção a isso.

Fomos, contudo, durante muito tempo, um país cujas realizações eram percebidas – por nós mesmos e por nossos parceiros no exterior – como estando muito aquém de nosso potencial. Durante muito tempo, fomos o “país do futuro”.

Durante muito tempo, nossa ação externa sofreu os constrangimentos impostos pelas dificuldades que experimentávamos, internamente, para traduzir o nosso potencial como nação em realidades tangíveis.

Hoje, tudo isso está mudando. Deixamos de estar “deitados em berço esplêndido”. Já não somos meramente o “país do futuro”. O nosso futuro já começou. Já não precisamos ser julgados apenas pelo potencial imenso de nosso país.

Podemos e queremos ser julgados pelos resultados concretos que estamos alcançando em questões cruciais para o nosso desenvolvimento, para o aprimoramento de nossa sociedade e para a perspectiva de nossa inserção na economia internacional.

Fomos capazes de restabelecer, com alicerces sólidos, o sistema democrático. Nossa democracia demonstrou sua vitalidade enfrentando sem ruptura institucional problemas difíceis, como o afastamento de um Presidente da República. Hoje, nossa democracia é chamada a responder ao desafio das reformas constitucionais necessárias para a aceleração do processo de desenvolvimento. E isso está ocorrendo não sem esforço, não sem atrasos, mas com a solidez e a legitimidade que resultam do jogo democrático.

A democracia levou-nos, como conseqüência natural, a uma atitude mais aberta, mais racional, em temas que hoje são de grande importância no plano internacional, como os direitos humanos, as questões sociais, o meio ambiente.

É um capítulo fechado de nossa história o período em que os direitos dos brasileiros pareciam receber maior atenção no exterior do que no Brasil.

Com a consolidação da democracia, tornou-se óbvio o que nunca devia ter deixado de sê-lo: que ninguém mais que os próprios brasileiros tem interesse em assegurar os seus direitos e prerrogativas de cidadania; que ninguém mais que os próprios brasileiros tem interesse em

proteger o seu meio ambiente ou em garantir o uso pacífico da sua energia nuclear. O fato de que essas são demandas genuínas da sociedade brasileira resulta em uma ampliação importante da credibilidade do Brasil no plano internacional.

Mas o avanço da democracia estaria limitado ao reino das “grandes expectativas” se não tivéssemos sido capazes de nos reorganizar também no plano econômico. E fomos. Com a estabilidade do Real, a sociedade brasileira reencontrou a sua vocação de crescimento econômico sustentado e de busca de padrões mais elevados de justiça social.

Durante décadas, a imagem do Brasil no exterior esteve associada à idéia de que tínhamos uma das taxas de inflação mais elevadas do mundo. Qualquer esforço diplomático de longo prazo esbarrava na dificuldade de convencer nossos parceiros de que podíamos fazer planos com uma autêntica perspectiva de futuro – o que não era fácil quando nós mesmos trabalhávamos com horizontes de tempo cuja exigüidade era proporcional à dimensão do processo inflacionário. O Real transformou radicalmente tudo isso, resgatando a dimensão do longo prazo. E isso também é fundamental para a diplomacia.

Além disso, desde o início dos anos 90, o Brasil abriu sua economia. Reduzimos nossas tarifas, eliminamos barreiras não-tarifárias. Aprofundamos o processo de integração com nossos vizinhos, com prioridade para o Mercosul e tendo no horizonte a integração sul-americana. Suprimimos disposições legais que estabeleciam discriminações contra empresas estrangeiras. Flexibilizamos monopólios.

O significado disso é que passou a ser muito mais concreta e tangível, para nossos interlocutores no plano internacional, a realidade do nosso mercado, que deixou de ser mera potencialidade abstrata. Na década que antecede a celebração de nossos 500 anos, o mundo redescobriu o Brasil. O aumento do volume de nosso comércio exterior e dos investimentos estrangeiros no Brasil nos últimos anos é testemunho eloqüente disso.

Essa situação trouxe para nós muitas vantagens e também novos desafios. Um dos mais importantes consiste em que o Brasil passa a

estar obrigado a enfrentar de forma mais autêntica a questão contemporânea da competitividade.

Ao mesmo tempo, passou a assumir importância ainda maior, do ponto de vista do interesse nacional, a tarefa de assegurar que os produtos brasileiros tenham acesso desimpedido e não-discriminatório aos principais mercados do mundo, em especial nos países mais desenvolvidos.

Abrimos o nosso mercado de forma significativa e é importante que isso encontre a necessária contrapartida no que se refere às nossas exportações. Há, ainda, muito a fazer a esse respeito.

Vamos continuar a aprofundar nossa atuação no âmbito do sistema multilateral de comércio e o diálogo com nossos principais parceiros comerciais para promover oportunidades de competição leal e aberta para nossas exportações. Isso é fundamental para gerar empregos e para fortalecer as nossas relações internacionais.

O crescimento das exportações brasileiras nos últimos meses mostra o dinamismo de nosso setor exportador e a capacidade, já amplamente demonstrada pelo Brasil, de responder aos desafios da competitividade. Com a vantagem de que renunciamos aos sucedâneos espúrios da competitividade baseados na prática de desvalorizações artificiais da moeda ou no mascaramento da ineficiência através de reajustes periódicos de preços.

No ambiente de estabilidade e de crescente inserção do Brasil no sistema internacional, estamos conquistando a verdadeira competitividade. E esta só tem um caminho: o de produzir mais, melhor e mais barato, com uma força de trabalho cada vez mais preparada e equipamentos cada vez mais modernos. Nesse caminho continuaremos, e a ação diplomática do Brasil deve continuar a refletir essa orientação, como já o vem fazendo.

Senhoras e Senhores, mencionei até agora a importância das mudanças de nossa relação com a economia mundial. Mas as realizações que alcançamos nos últimos anos abriram para o Brasil um novo espaço de atuação diplomática também no plano político.

Nos contatos com Chefes de Estado e de Governo de outros países, encontro invariavelmente respeito e interesse pelas posições do Brasil nos temas da agenda internacional.

As conversas que mantive com o Presidente Clinton recentemente, assim como as que venho mantendo com outras lideranças mundiais, têm revelado, sem exceção, o quanto o Brasil é cada vez mais uma voz relevante no cenário internacional.

Sei que o Ministro Lampreia tem colhido sempre essa mesma impressão, e sua recente visita a Londres foi um claro exemplo disso. Temos hoje maior espaço de atuação do que tínhamos no passado.

E esse espaço ampliado de atuação é o que nos tem permitido alcançar resultados importantes em nossa política externa. Resultados como a consolidação do Mercosul; os passos importantes na integração comercial e física com nossos vizinhos na América do Sul; o bom encaminhamento de nossos interesses no contexto da integração hemisférica e das pré-negociações sobre a Alca; o fortalecimento de nossa contribuição para a paz, a segurança e a democracia em nossa própria região; e, de maneira geral, o reforço do prestígio internacional do Brasil.

É, portanto, muito positivo o balanço, neste meu quarto ano de Governo, de nossa ação diplomática e da consecução dos objetivos da política externa.

Durante esses três anos e meio, fui com frequência ao exterior para promover esses objetivos e para reforçar a imagem desse novo Brasil. Essas viagens cumpriram um papel importante em nossa ação diplomática e sempre encontrei uma receptividade extraordinária às mensagens que levei a nossos interlocutores estrangeiros.

No entanto, por maiores que fossem os meus dotes de retórica ou a minha capacidade de convencimento, nenhuma diplomacia presidencial teria êxito se não estivesse ancorada na credibilidade que só se obtém com os fatos incontestáveis, com as realidades indubitáveis, como são as de nossa democracia, de nossa estabilidade econômica e a do reencontro do Brasil com a sua trajetória de desenvolvimento e de crescente justiça social.

É nesse espírito – o de uma diplomacia que sabe renovar a sua tradição de excelência, colocando-a a serviço de um processo de transformações – que convido os presentes a me acompanharem em um brinde à grandeza da Casa de Rio Branco, ao compromisso inamovível desta Casa com o interesse do Brasil e à contribuição que saberá continuar a prestar ao destino histórico do povo brasileiro.